

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

ARRISCANDO A PRÓPRIA PELE

ASSIMETRIAS OCULTAS
NO COTIDIANO



NASSIM
NICHOLAS TALEB

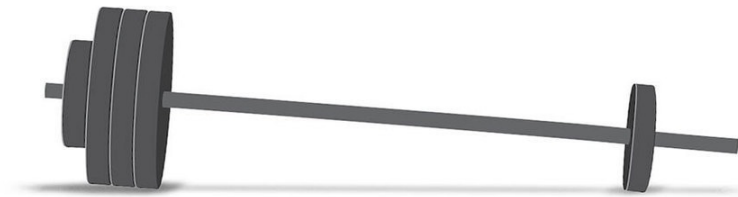
Autor de A lógica do Cisne Negro



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

ARRISCANDO A PRÓPRIA PELE

ASSIMETRIAS OCULTAS
NO COTIDIANO



NASSIM
NICHOLAS TALEB

Autor de A lógica do Cisne Negro



Nassim Nicholas Taleb

Arriscando a própria pele

Assimetrias ocultas no cotidiano

TRADUÇÃO
Renato Brett



Dois homens de coragem:
Ron Paul,
um romano entre os gregos;
Ralph Nader,
santo greco-fenício

Sumário

LIVRO I: INTRODUÇÃO

Prólogo, Parte 1: Anteu assassinado

Prólogo, Parte 2: Um breve passeio pela simetria

Prólogo, Parte 3: As costelas do projeto *Incerto*

Apêndice: Assimetria na vida e nas coisas

LIVRO II: UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE A AGÊNCIA

1. Por que cada um deve comer as próprias tartarugas: igualdade na incerteza

LIVRO III: A MAIOR DAS ASSIMETRIAS

2. O mais intolerante vence: o domínio da minoria teimosa

Apêndice do livro.III.: Mais algumas coisas contraintuitivas sobre o coletivo

LIVRO IV: LOBOS ENTRE CÃES

3. Como ser dono de outra pessoa legalmente

4. Arriscando a pele dos outros

LIVRO V: ESTAR VIVO SIGNIFICA ASSUMIR CERTOS RISCOS

5. A vida na máquina de simulação

6. O intelectual porém idiota

7. Igualdade e arriscar a própria pele

8. Uma especialista chamada Lindy

LIVRO VI: AGÊNCIA ADENTRO

9. Cirurgiões não deveriam ter aparência de cirurgiões

10. Somente os ricos são envenenados: as preferências dos outros

- [11. *Facta non Verba* \(Agir antes de falar\)](#)
- [12. Os fatos são verdadeiros, a notícia é falsa](#)
- [13. A mercantilização da virtude](#)
- [14. Paz, nem tinta nem sangue](#)

[LIVRO VII: RELIGIÃO, CRENÇA E ARRISCAR A PRÓPRIA PELE](#)

- [15. Eles não sabem do que estão falando quando falam de religião](#)
- [16. Não há adoração sem que se arrisque a própria pele](#)
- [17. O papa é ateu?](#)

[LIVRO VIII: RISCO E RACIONALIDADE](#)

- [18. Como ser racional sobre a racionalidade](#)
- [19. A lógica de correr riscos](#)

[Epílogo: O que Lindy me ensinou](#)

[Agradecimentos](#)

[Glossário](#)

[Notas](#)

[Referências bibliográficas](#)

Livro I

Introdução

Este livro, embora possa ser lido de forma independente, é uma continuação do projeto *Incerto*, que é uma combinação de a) discussões práticas, b) relatos filosóficos, e c) comentários científicos e analíticos sobre os problemas da aleatoriedade e sobre como viver, comer, dormir, discutir, lutar, fazer amigos, trabalhar, divertir-se e tomar decisões sob o domínio da incerteza. Ainda que acessível a uma boa gama de leitores, não se deixe enganar: o *Incerto* é um ensaio, e não uma popularização de obras entediantes publicadas em outros lugares (deixando de lado o manual técnico do *Incerto*).

Arriscando a própria pele trata de quatro tópicos em um: a) incerteza e confiabilidade do conhecimento (tanto prático como científico, pressupondo que haja essa diferença), ou, em palavras menos refinadas, detecção de baboseira e papo furado, b) simetria em assuntos humanos, isto é, imparcialidade, justiça, responsabilidade e reciprocidade, c) compartilhamento de informações em transações e negociações, e d) racionalidade em sistemas complexos e no mundo real. Que esses quatro não podem ser trabalhados separadamente é algo que se torna óbvio quando uma pessoa... arrisca a própria pele. *

Não é apenas o fato de que se arriscar é necessário para promover a justiça, alcançar a eficiência comercial e um melhor gerenciamento de risco: dar a cara a tapa é essencial para entender o mundo.

Em primeiro lugar, este livro é sobre a importância de identificar e filtrar a baboseira, o papo furado, isto é, a diferença entre teoria e prática, conhecimento verdadeiro e cosmético, entre o mundo acadêmico (no pior sentido da palavra) e o mundo real. Para expressar na forma de um reflexivo ensinamento típico de Yogi Berra: *na academia não existe diferença*

entre o mundo acadêmico e o mundo real; no mundo real, existe .

Em segundo lugar, trata-se das distorções da simetria e da reciprocidade na vida: se você obtém as recompensas, deve também correr alguns riscos, e não permitir que outros paguem o preço pelos seus erros. Se você inflige riscos a outras pessoas, e elas são prejudicadas, você deve pagar um preço por isso. Assim como deve tratar as outras pessoas da maneira como gostaria de ser tratado, você gostaria de compartilhar, sem má-fé, parcialidade e desigualdade, a responsabilidade pelos eventos.

Se você dá uma opinião, e alguém a segue, você é moralmente obrigado a ser exposto às consequências do que falou. Caso esteja emitindo pontos de vista sobre economia:

Não me diga o que você “pensa”, apenas me diga o que está em seu portfólio.

Em terceiro lugar, é sobre a quantidade de informação que uma pessoa deve compartilhar em termos práticos com os outros, o que um vendedor de carros usados deveria – ou não deveria – dizer sobre o veículo no qual você está prestes a gastar um pedaço substancial de suas economias.

Em quarto lugar, o livro gira em torno da racionalidade e do teste do tempo. No mundo real a racionalidade não tem a ver com o que faz sentido para o seu jornalista da revista *New Yorker* ou algum psicólogo usando modelos ingênuos de lógica de primeira ordem, mas algo muito mais profundo e estatístico, vinculado à sua própria sobrevivência.

Não confunda arriscar a própria pele – na definição dada neste livro e aqui usada – com um mero problema de incentivo, tendo apenas uma parcela dos benefícios (o que é um entendimento comum nas finanças). Não. Trata-se de simetria, só que mais no sentido de arcar com parte do dano, pagando um preço se algo der errado. A mesma ideia estabelece o vínculo entre as noções de incentivos, compra de carros usados, ética, teoria do contrato, aprendizagem (vida real versus comunidade acadêmica), imperativo kantiano, poder municipal, ciência do risco, contato entre intelectuais e realidade, a responsabilidade dos burocratas, justiça social probabilística, teoria das opções, comportamento íntegro, vendedores e fornecedores papos-furados, teologia... Por enquanto, paro por aqui.

OS ASPECTOS MENOS ÓBVIOS DE ARRISCAR A PRÓPRIA PELE

Um título mais correto (embora mais canhestro) para o livro teria sido: *Os aspectos menos óbvios de arriscar a própria pele: as assimetrias ocultas e suas consequências*. Pois eu simplesmente não gosto de ler livros que me informem o óbvio. Gosto de me surpreender. Assim, de acordo com a reciprocidade do estilo-de-quem-arrisca-a-própria-pele, não vou conduzir o leitor através de uma jornada previsível tipo-palestra-de-faculdade, mas sim guiá-lo em meio ao tipo de aventura para a qual eu gostaria de ser levado.

Para tanto, o livro está organizado da seguinte maneira: não demora mais que cerca de sessenta páginas para que o leitor entenda a importância, a preponderância e ubiquidade de arriscar a própria pele (ou seja, simetria) na maior parte de seus aspectos. Mas nunca se prenda a explicações excessivamente detalhadas de *por que* algo importante é importante: justificar incessantemente um princípio é degradá-lo.

A rota não tediosa acarreta enfatizar o segundo passo: as implicações surpreendentes — aquelas assimetrias ocultas que não vêm de imediato à mente —, bem como as consequências menos óbvias, algumas das quais são bastante desconfortáveis, e muitas outras inesperadamente úteis. Compreender os mecanismos de arriscar a própria pele nos permite compreender sérios enigmas subjacentes a uma matriz de realidade de granulação fina.

Por exemplo:

Como é que as minorias tremendamente intolerantes mandam no mundo e nos impõem o seu gosto? Como o universalismo destrói as próprias pessoas que pretende ajudar? Como é possível que existam mais escravizados hoje do que durante o Império Romano? Por que os cirurgiões não deveriam ter a aparência de cirurgiões? Por que a teologia cristã continuou insistindo em um lado humano para Jesus Cristo que é necessariamente distinto do divino? Como os historiadores nos confundem ao fazer o relato da guerra e não da paz? Como é que a sinalização barata (sem qualquer risco) fracassa tanto nos ambientes econômico e religioso? Como os candidatos a cargos políticos com óbvias falhas de caráter parecem mais reais do que burocratas com credenciais impecáveis? Por que idolatramos Aníbal? Como as empresas vão à falência no momento em que contratam gerentes profissionais interessados em trabalhar direito e fazer o bem? Como o paganismo é mais simétrico de uma população para outra? Como as relações exteriores deveriam ser

conduzidas? Por que nunca se deve doar dinheiro a instituições de caridade organizadas a menos que elas operem de forma altamente distributiva (o que no jargão moderno se chama “uberização”)? Por que os genes e os idiomas se espalham de forma diferente? Por que a escala das comunidades é importante (uma comunidade de pescadores se converte de colaborativa a concorrente assim que alguém move, minimamente, a escala, ou seja, o número de pessoas envolvidas)? Por que a economia comportamental não tem nada a ver com o estudo do comportamento dos indivíduos — e os mercados têm pouco a ver com as propensões e predisposições dos participantes? Como a racionalidade é sobrevivência e somente sobrevivência? Qual é a lógica fundamental da administração de riscos?

Mas, para este autor, arriscar a própria pele diz respeito principalmente a justiça, honra e sacrifício, coisas que são fundamentais para a própria existência dos seres humanos.

Arriscar a própria pele, aplicado como regra, reduz os efeitos das seguintes divergências que se desenvolveram com a civilização: aquelas entre a ação e a conversa fiada (*papo furado*), a consequência e a intenção, a prática e a teoria, a honra e a reputação, a expertise e o charlatanismo, o concreto e o abstrato, o ético e o legal, o genuíno e o cosmético, o comerciante e o burocrata, o empreendedor e o executivo-chefe, a força e a exibição, o amor genuíno e o interesse, Coventry e Bruxelas, Omaha e Washington, DC, os seres humanos e os economistas, os autores e os editores, as bolsas de estudo e o mundo acadêmico, a democracia e a governança, a ciência e o cientificismo, a política e os políticos, o amor e o dinheiro, o espírito e a letra, Catão, o Velho e Barack Obama, a qualidade e a publicidade, o comprometimento e a sinalização e, de modo decisivo, o coletivo e o individual.

Vamos primeiro ligar alguns pontos dos itens na lista acima com duas vinhetas, apenas para dar um gostinho de como a ideia transcende categorias.

* Para entender por que na vida real não é possível separar facilmente ética, obrigações morais e habilidades individuais, leve em consideração o seguinte. Quando você diz a alguém em uma posição de responsabilidade — o seu contador, por exemplo —: “Eu confio em você”, você quer dizer que 1) você confia na ética dele (ele não desviará seu dinheiro para o Panamá), 2) você confia na eficiência do trabalho dele ou 3) ambos? A questão central deste livro é que, no mundo real, é difícil desvencilhar os dois aspectos e colocar de um lado a ética e, do outro, o conhecimento e a

competência.

Prólogo, Parte 1

Anteu assassinado

*Nunca se afaste da sua mãe — Continuo encontrando senhores da guerra —
Bob Rubin e seu negócio — Sistemas são como acidentes de carro*

Anteu era um gigante, ou melhor, um semigigante, filho da Mãe-Terra, Gaia, e Poseidon, o deus do mar. Tinha uma estranha ocupação, que consistia em obrigar as pessoas que passavam por sua terra, a Antiga Líbia, a lutar com ele, sendo que tais combates invariavelmente terminavam com a morte do adversário; o passatempo de Anteu era prender as vítimas contra o chão e esmagá-las. Essa atividade macabra era, aparentemente, a expressão de uma devoção filial: Anteu tinha como objetivo erguer um templo em homenagem ao pai, Poseidon, usando os crânios de suas vítimas como matéria-prima.

Anteu era considerado invencível, mas ele tinha um segredo. O gigante extraía sua força do contato com sua mãe, a terra. Extremamente forte quando estava em contato com o chão, Anteu perdia seus poderes se fosse erguido no ar. Hércules, como parte de seus doze trabalhos (em uma variação da lenda), recebeu a incumbência de derrotar Anteu. O herói conseguiu levantar Anteu do chão, esmagando-o até a morte enquanto os pés do gigante permaneciam afastados de sua mãe.

O que aprendemos com essa primeira vinheta é que, assim como Anteu, não se pode separar o conhecimento do contato com o chão. Na verdade, não se pode separar coisa alguma do contato com o chão. E o contato com o mundo real é feito arriscando a própria pele — expondo-se ao mundo real e pagando um preço pelas consequências, sejam elas boas ou ruins, dessa exposição. As feridas resultantes de tais experiências orientam a aprendizagem e descoberta, um mecanismo de sinalização orgânica que os gregos chamavam de *pathemata mathemata* (“norsteie seu aprendizado por

meio da dor”, algo que mães de crianças pequenas conhecem muito bem). Em meu livro *Antifrágil* ¹, mostrei que a maioria das coisas que acreditamos terem sido “inventadas” por universidades foram na verdade descobertas por improviso e depois legitimadas por algum tipo de formalização. O conhecimento que obtemos por meio da improvisação, fuçando e bisbilhotando, via tentativa e erro, experiência e repetição — em outras palavras, o *contato com a terra* — é imensamente superior àquela obtido por meio do raciocínio, algo que instituições egoístas têm se dedicado a esconder de nós.

A seguir, aplicaremos isso ao que é erroneamente conhecido como “elaboração de políticas”.

A LÍBIA DEPOIS DE ANTEU

Segunda vinheta. Enquanto escrevo estas linhas, alguns milhares de anos depois, a Líbia, a suposta terra de Anteu, agora comercializa escravos, como resultado de uma fracassada tentativa do que é chamado de “mudança de regime” a fim de “destituir um ditador”. Sim, em 2017, mercados de escravos improvisados em estacionamentos, onde africanos subsaarianos capturados são vendidos a quem fizer a maior oferta.

Um conjunto de pessoas classificadas como intervencionistas (para dar nome aos bois: Bill Kristol, Thomas Friedman e outros) ²—e que promoveram a invasão ao Iraque em 2003, bem como a deposição do líder líbio em 2011, estão defendendo a imposição dessa mudança de regime em uma outra porção de países, incluindo a Síria, porque lá há um “ditador”.

Os intervencionistas e seus amigos no Departamento de Estado dos Estados Unidos ajudaram a criar, treinar e apoiar rebeldes islâmicos, então “moderados”, mas que acabaram se tornando parte da Al-Qaeda, a mesmíssima Al-Qaeda que explodiu as torres da cidade de Nova York durante os eventos do Onze de Setembro. Curiosamente, eles pareceram ter se esquecido de que a própria Al-Qaeda era composta de “rebeldes moderados” criados (ou fomentados) pelos Estados Unidos para ajudar a combater a Rússia soviética. Como veremos, o raciocínio dessas pessoas instruídas não implica tais recorrências.

Então, tentamos *aquela coisa* chamada mudança de regime no Iraque, e fracassamos miseravelmente. Tentamos *aquela coisa* de novo na Líbia, e lá agora há tráfico de escravizados. Mas satisfizemos o objetivo de “destituir um ditador”. Seguindo o mesmo raciocínio, um médico injetaria células

cancerígenas “moderadas” em um paciente a fim de melhorar suas taxas de colesterol e, cantaria vitória alegremente depois que o paciente morresse, em especial se o exame post-mortem mostrasse excelentes taxas de colesterol. Mas sabemos que médicos não infligem “curas” fatais aos pacientes, ou pelo menos não de maneira tão descarada, e há uma razão para isso. Os médicos costumam arriscar uma quantidade módica da própria pele, têm uma vaga compreensão de sistemas complexos e mais do que um par de milênios de valores éticos em constante evolução determinando sua conduta.

E nem é preciso abrir mão da lógica, do intelecto e da educação: um raciocínio lógico rígido, mas de ordem superior, mostraria que, a menos que se encontre alguma maneira de rejeitar toda a evidência empírica, defender mudanças de regime implica defender *também* a escravidão ou alguma degradação semelhante do país (uma vez que essas têm sido resultados típicos). Portanto, esses intervencionistas não só carecem de senso prático e jamais aprendem com a história, como deixam a desejar até mesmo quanto ao raciocínio puro, que eles abafam em um rebuscado e semiabstrato discurso carregado de modismos e jargão técnico.

Suas três falhas: 1) eles pensam em estáticas, não em dinâmicas, 2) pensam em dimensões baixas, não altas, 3) pensam em termos de ações, nunca interações. Ao longo do livro examinaremos com maior profundidade esse defeito do raciocínio mental por parte de idiotas instruídos (ou, antes, trouxas semiletrados). Por enquanto, posso substanciar os aspectos essenciais dos três defeitos.

A primeira falha é que eles são incapazes de pensar em segundas etapas e desconhecem sua necessidade — e praticamente todos os camponeses da Mongólia, todos os garçons de Madri e todos os mecânicos de oficinas automotivas em San Francisco sabem que na vida há segundas, terceiras, quartas, n etapas. A segunda falha é que também são incapazes de perceber a diferença entre problemas multidimensionais e suas representações unidimensionais — como distinguir a saúde, que é multidimensional, de sua redução à medição de taxas de colesterol. Eles não conseguem entender a ideia de que, empiricamente, sistemas complexos não têm óbvios e unidimensionais mecanismos de causa e efeito, e que, sob a opacidade, não se mexe com um sistema desses. Uma extensão desse defeito: comparam as ações do “ditador” às do primeiro-ministro da Noruega ou da Suécia, e não às da alternativa local. A terceira falha é que

não são capazes de antever a evolução por que passam aqueles que são ajudados por meio de ataques, ou o crescimento que uma pessoa obtém a partir de feedback.

LUDIS DE ALIENO CORIO ³

E, quando ocorre uma explosão, eles invocam a incerteza, algo chamado de Cisne Negro (um evento improvável de alto impacto) em homenagem ao livro de um sujeito (muito) teimoso, ⁴ sem perceber que não se deve alterar um sistema se os resultados estiverem rodeados de incerteza ou, em termos mais gerais, deve-se evitar ações com consequências desvantajosas se não tiver certeza dos resultados. O ponto crucial é que a desvantagem não afeta o intervencionista. Ele continua sua prática no conforto de sua casinha termicamente regulada no subúrbio, com uma garagem para dois carros, um cachorro e um pequeno quintal com grama livre de pesticidas onde brincam seus 2,2 filhos mimados.

Imagine pessoas com deficiências mentais semelhantes, pessoas que não entendem a assimetria, pilotando aviões. Comandantes incompetentes incapazes de aprender com as experiências, ou que não se importam de correr riscos que não compreendem, podem acabar matando muita gente. Mas eles mesmos acabarão no fundo, digamos, do Triângulo das Bermudas, e deixarão de representar uma ameaça para os outros e para a humanidade. Esse não é o caso aqui.

Então, acabamos por povoar o que chamamos de *intelligentsia* com pessoas delirantes e mentalmente perturbadas (literalmente) apenas porque nunca precisam pagar pelas consequências das próprias ações, repetindo slogans modernistas desprovidos de qualquer profundidade (por exemplo, continuam usando o termo “democracia” ao mesmo tempo em que incentivam degoladores; democracia é algo sobre o qual eles leem em cursos de pós-graduação). Em geral, quando se ouve alguém invocando noções modernistas abstratas, pode-se pressupor que se trata de uma pessoa que recebeu alguma educação formal (mas não o suficiente, ou na disciplina errada), porém não precisa se responsabilizar por nada.

Por isso, algumas pessoas inocentes — iazidis, minorias cristãs no Oriente Próximo (e Médio), mandeístas, sírios, iraquianos e líbios — tiveram que pagar o preço pelos erros de intervencionistas sentados em seus confortáveis escritórios com ar-condicionado. Veremos mais adiante que

isso viola a própria noção de justiça desde a sua origem pré-bíblica, babilônica – bem como a estrutura ética, essa matriz subjacente graças à qual a humanidade sobreviveu.

O princípio da intervenção, como o juramento de Hipócrates, é, em primeiro lugar, *nunca causar mal ou dano a alguém* (*primum non nocere*); e mais ainda, conforme argumentaremos, aqueles que não se expõem a riscos nunca deveriam se envolver na tomada de decisões.

Ademais,

Sempre fomos loucos, mas não tínhamos experiência e capacidade suficientes para destruir o mundo. Agora podemos.

Voltaremos aos intervencionistas “pacificadores” e examinaremos como seus processos de paz criam impasses, a exemplo do problema israelense-palestino.

OS SENHORES DA GUERRA AINDA ESTÃO POR AÍ

A ideia de arriscar a própria pele permeia a história: tradicionalmente, todos os senhores da guerra e belicistas eram eles próprios guerreiros e, com poucas e curiosas exceções, as sociedades eram administradas por quem corria riscos e não por quem transferia riscos.

Pessoas importantes e em posições de destaque corriam riscos, muitas vezes até mais do que os cidadãos comuns. O imperador romano Juliano, o Apóstata, morreu no campo de batalha lutando uma guerra sem fim na fronteira persa enquanto *ainda era imperador*. Pode-se apenas especular sobre Júlio César, Alexandre, O Grande, e Napoleão, que muito se deve à usual fabricação de lendas por parte dos historiadores, mas nesse caso a prova é robusta. Não existe melhor evidência histórica de um imperador assumindo uma posição na linha de frente da batalha do que uma lança persa alojada no peito de Juliano (que não usava armadura). Um dos seus predecessores, Valeriano, foi capturado na mesma fronteira, e reza a lenda que foi usado como um escabelo humano sobre o qual o xá Shapur se apoiava ao montar seu cavalo. E o último imperador bizantino, Constantino XI Paleólogo, foi visto pela última vez quando removeu sua toga roxa e se juntou a Ioannis Dalmatus e seu primo Teófilo Paleólogo para atacar as tropas turcas, brandindo suas espadas, orgulhosamente rumando para a morte. A lenda diz que Constantino recebeu a oferta de um acordo caso se rendesse. Mas esse tipo de negociação não é para reis de respeito.

Esses relatos não são isolados. O autor que vos escreve está bastante convencido sobre as estatísticas: menos de um terço dos imperadores romanos morreu na cama. Pode-se argumentar que, uma vez que pouquíssimos deles morreram de velhice, se tivessem vivido mais tempo teriam sido derrubados por um golpe de Estado ou sucumbiriam em batalha.

Até hoje, monarcas derivam sua legitimidade de um contrato social que exige assumir riscos físicos. A família real britânica fez questão de que um dos seus herdeiros, o príncipe Andrew, corresse mais riscos do que os “plebeus” durante a Guerra das Malvinas de 1982, com seu helicóptero estando na linha de frente. Por quê? Porque *noblesse oblige* (a nobreza obriga); o próprio status de um lorde tradicionalmente derivava do ato de proteger outros, trocando risco pessoal por posição de poder — e parece que a família real britânica ainda se lembra desse contrato. Uma pessoa não pode ser um lorde se não for um lorde.

NEGÓCIO ESTILO BOB RUBIN

Alguns pensam que nos livrarmos de líderes guerreiros significa civilização e progresso. Não é bem assim. Enquanto isso,

A burocracia é uma construção pela qual uma pessoa é convenientemente separada das consequências de suas ações.

E, talvez alguém pergunte, o que podemos fazer, já que um sistema centralizado necessariamente precisará de pessoas que não estão diretamente expostas às consequências dos erros?

Bem, para que haja menos desses tomadores de decisões não temos outra escolha senão descentralizar ou, em termos mais refinados, localizar.

A descentralização é baseada na noção simples de que a macrobaboseira é mais fácil do que a microbaboseira.

A descentralização reduz as grandes assimetrias estruturais.

Mas não se preocupe, se não descentralizarmos e não distribuirmos responsabilidades, isso acontecerá por si só e do jeito mais difícil: um sistema que não nos permite arriscar a própria pele, com um acúmulo de desequilíbrios, no fim das contas acabará indo pelos ares e estará fadado a autorregenerar-se dessa maneira. Se sobreviver.

Por exemplo, a crise de 2008, em que várias instituições financeiras quebraram, ocorreu devido ao acúmulo de riscos ocultos e assimétricos no sistema: banqueiros, mestres na transferência de risco, poderiam ganhar um bom dinheiro a partir de um tipo de riscos explosivos ocultos, usar modelos acadêmicos de risco que só funcionam no papel (porque acadêmicos não sabem praticamente nada sobre riscos) e então invocar a incerteza depois da falência (aquele mesmo Cisne Negro invisível e imprevisível e aquele mesmíssimo autor muito, muito teimoso) e manter a renda — o que eu chamei de negócio estilo Bob Rubin.

Que história é essa de negócio estilo Bob Rubin? Robert Rubin, ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, e um dos que assinam o nome na cédula que você acabou de usar para pagar pelo café, arrecadou mais de 120 milhões de dólares em indenização do Citibank na década anterior à crise de 2008. Quando o banco, literalmente insolvente, foi resgatado pelo contribuinte, ele não preencheu cheque algum, apenas invocou a incerteza como uma desculpa. Cara, ele ganha; coroa, ele berra “Cisne negro!”. Rubin tampouco reconheceu que transferia o risco para os contribuintes: especialistas em gramática da língua espanhola, professores-assistentes do ensino fundamental, supervisores em fábricas de latinhas de alumínio, consultores de nutrição vegetariana e escriturários de assistentes de promotores de justiça estavam “prevenindo as perdas dele”, isto é, assumindo os riscos de Rubin e pagando por seus prejuízos. Mas a pior desgraça foram os livres mercados, à medida que o público, já propenso a odiar os financistas, começou a confundir os livres mercados e as formas superiores de corrupção — fisiologismo, nepotismo e compadrio —, quando na verdade é exatamente o oposto: é o governo, não os mercados, que propicia essas coisas por meio dos mecanismos de ajuda econômica aos bancos. Não são apenas as intervenções públicas no setor financeiro: a interferência do governo em geral tende a eliminar o fator “arriscar a própria pele”.

A boa notícia é que, apesar dos esforços da administração Obama — cúmplice em proteger o sistema e os banqueiros *rent-seeking* ⁵—, o negócio dos investimentos de alto risco começou a se deslocar na direção de pequenas estruturas independentes conhecidas como fundos hedge. ⁶A mudança ocorreu principalmente por conta da excessiva burocratização, à medida que funcionários (cuja ideia de trabalho é principalmente exigir carimbos em papéis) fazem imperar a dificuldade e a morosidade em

função do excesso de documentação e de intermediários envolvidos na resolução de processos, sobrecarregando os bancos de regras — mas, de alguma forma, nas milhares de páginas de regulamentos adicionais, *eles evitaram levar em consideração o fator “arriscar a própria pele”* . No descentralizado espaço dos fundos hedge, por outro lado, os proprietários-operadores têm pelo menos metade do seu patrimônio líquido nos fundos, o que os torna relativamente mais expostos do que qualquer um de seus clientes, e eles afundam com o navio.

OS SISTEMAS APRENDEM POR ELIMINAÇÃO

Agora, se você vai realçar apenas uma única seção deste livro, é esta aqui. O caso intervencionista é fundamental para nossa história porque mostra como não colocar em risco a própria pele tem tanto efeitos éticos como epistemológicos (isto é, relacionados ao conhecimento). Vimos que os intervencionistas não aprendem *porque não sofrem consequências por seus erros* , e, conforme apontamos com o *pathemata mathemata* :

O mecanismo de transferência de risco também impede a aprendizagem.

Em termos mais práticos,

*Você jamais convencerá completamente uma pessoa de que ela está errada;
somente a realidade é capaz disso.*

Na verdade, para ser preciso, a realidade não dá a mínima para vencer discussões: a sobrevivência é o que importa.

Pois

*A maldição da modernidade é que estamos cercados por uma classe de
pessoas que são melhores para explicar do que para entender,*

ou melhores em explicar do que em fazer.

Então, *aprendizagem* não é exatamente o que ensinamos aos presos trancafiados nos presídios de segurança máxima chamados escolas. Na biologia, a aprendizagem é algo que, por meio do filtro da seleção intergeracional, fica impresso a nível celular — e posso afirmar: arriscar a própria pele está mais para um filtro do que para um impedimento. A evolução só pode acontecer se o risco de extinção estiver presente. Além disso,

Não há evolução sem que se arrisque a própria pele.

Este último ponto é bem óbvio, mas continuo vendo acadêmicos que não dão a cara a tapa defender a evolução, ao mesmo tempo em que rejeitam a ideia de arriscar a própria pele e o compartilhamento de risco. Eles recusam a noção de propósito por parte de um criador onisciente, enquanto querem impor o *desígnio* humano como se soubessem de todas as suas consequências. Em geral, quanto mais as pessoas veneram o sacrossanto Estado (ou, de forma equivalente, as grandes corporações), mais odeiam a ideia de arriscar a própria pele. Quanto mais acreditam em sua capacidade de prever, mais odeiam arriscar a própria pele. Quanto mais usam ternos e gravatas, mais odeiam arriscar a própria pele.

Voltando aos intervencionistas, vimos que as pessoas não aprendem tanto com boa parte de seus erros — e com os erros de outras pessoas; pelo contrário, é o sistema que aprende, selecionando pessoas menos propensas a cometer *uma certa classe* de erros e eliminando outras.

*Os sistemas aprendem eliminando peças , usando a via negativa.*¹

Muitos pilotos ruins, como já mencionamos anteriormente, estão atualmente no fundo do oceano Atlântico; muitos motoristas perigosos e incompetentes estão no tranquilo cemitério local, com belas e agradáveis aleias margeadas por árvores. O transporte não ficou mais seguro apenas porque as pessoas *aprendem* com os erros, mas porque o sistema aprende. A experiência do sistema é diferente da dos indivíduos; é fundamentada na filtragem.

Para resumir até aqui,

Arriscar a própria pele mantém a soberba humana sob controle.

Vamos agora nos aprofundar na segunda parte do prólogo e examinar a noção de simetria.

¹ *Antifrágil : coisas que se beneficiam com o caos* . Trad. Eduardo Rieche. Rio de Janeiro: Best Business, 2015. (N . T .)

² Os intervencionistas têm em comum um atributo principal: geralmente não são halterofilistas.

³ Brincando com a vida de outrem.

⁴ O autor se refere a seu livro *A lógica do Cisne Negro: O impacto do altamente improvável* . Rio de Janeiro: Best Seller, 2008. (N . T .)

⁵ *Rent-seeking* é tentar usar regulamentos (ou “direitos”) de proteção para obter renda sem adicionar nada à atividade econômica, sem aumentar a riqueza dos outros. Como Tony Gordo (que

entrará em cena algumas páginas mais adiante) definiria, é como ser forçado a pagar à máfia em troca de proteção sem obter os benefícios econômicos da proteção.

[6.](#) Associado a investimentos especulativos e de alto risco, o conceito de fundos hedge (fundos de cobertura ou de proteção de risco) pode ser definido como fundos multimercados que adotam um número de estratégias que não podem ser postas em prática por fundos tradicionais de investimento (como a Bolsa de Valores, renda fixa e investimento em ações) – como regras menos exigentes que as aplicáveis aos fundos de investimento harmonizados. (N . T .)

[7.](#) *Via negativa* é o princípio de que sabemos o que está errado com mais clareza do que o que está certo, e esse conhecimento cresce por subtração. Além disso, é mais fácil saber que algo está errado do que encontrar uma solução para o problema. As ações que eliminam são mais robustas do que as que adicionam, pois a adição pode ter complicados e invisíveis circuitos cíclicos de reações negativas. Isso é discutido com alguma profundidade em *Antifrágil* .

Prólogo, Parte 2

Um breve passeio pela simetria

Metaespecialistas julgados por metametaespecialistas — Prostitutas, não prostitutas e amadoras — Os franceses são obcecados por Hamurabi — Dumas é sempre exceção

I. DE HAMURABI A KANT

Até a recente intelectualização da vida, a simetria ao estilo-de-quem-arrisca-a-própria-pele tinha sido implicitamente considerada a principal regra para a sociedade organizada, até mesmo para qualquer forma de vida coletiva na qual um indivíduo encontra ou lida com outro mais de uma vez. A regra teve inclusive que preceder o assentamento humano, uma vez que prevalece em uma forma bastante sofisticada no reino animal. Ou, em outras palavras, *teve* de prevalecer, caso contrário a vida teria sido extinta — a transferência de risco destrói os sistemas. E a própria ideia de lei, divina ou terrena, reside em corrigir desequilíbrios e remediar tais assimetrias.

Vamos fazer um apanhado sucinto de Hamurabi até Kant e mostrar que as regras foram sendo refinadas junto com a civilização.

Hamurabi em Paris

O Código de Hamurabi foi entalhado em uma estela de basalto há cerca de 3800 anos, posicionada em um lugar público de destaque na Babilônia, de modo que toda pessoa alfabetizada pudesse ler as decisões legais nela inscritas ou, em vez disso, lê-las para outros que não soubessem ler. Esse compêndio de precedentes legais contém 282 leis e é considerado o primeiro conjunto ou codificação existente de normas e regras escritas. O código tem um tema central: estabelece simetrias entre as pessoas em uma

transação comercial, para que ninguém possa transferir *riscos de cauda* ocultos, ou riscos ao estilo Bob Rubin. Sim, o negócio de Bob Rubin tem 3800 anos de idade, é tão antigo quanto a civilização, assim como as regras para impedi-lo.

O que é uma cauda? Por ora, consideremos que seja um evento extremo altamente improvável. É chamado de “cauda” porque, em gráficos de frequências em curva, localiza-se na extrema esquerda ou direita (sendo altamente improvável), e, por alguma razão além do meu entendimento imediato, as pessoas começaram a chamar isso de “cauda” e o termo pegou.

A injunção mais conhecida de Hamurabi é a seguinte: “Se um construtor edifica uma casa mas não reforça seu trabalho e a casa que ele construiu desaba e causa a morte do proprietário, esse construtor deverá ser condenado à morte”.

Pois, como acontece com os traders, o melhor lugar para esconder riscos é “nos cantos”, enterrando vulnerabilidades em eventos raros que somente o arquiteto (ou o trader) é capaz de detectar — a ideia é estar longe no tempo e no espaço quando as falências começarem a acontecer. Como um antigo banqueiro inglês alcoólatra e de rosto inchado me contou quando me formei na faculdade, oferecendo-me de forma espontânea um conselho profissional: “Só concedo empréstimos de *longo* prazo. Quando eles vencerem, quero estar a uma *longa* distância”. Ele trabalhava para bancos internacionais e sobreviveu executando seu truque, mudando-se de país a cada cinco anos, e, pelo que lembro, também trocava de esposa a cada dez anos e de banco a cada doze. Mas nunca teve de ir muito longe para se esconder, tampouco foi obrigado a se refugiar nas profundezas subterrâneas: até recentemente ninguém exigia reembolso ¹(ou seja, ninguém reivindicava) dos bônus de banqueiros quando alguma coisa dava errado. E, o que não é nem um pouco inesperado, foram os suíços que começaram a pôr em prática esses mecanismos de recuperação, em 2008.

A famosa *lex talionis*, a Lei de Talião, “olho por olho”, vem do Código de Hamurabi. É um princípio metafórico, não literal: na verdade ninguém precisa arrancar o olho do outro, e a regra é muito mais flexível do que parece à primeira vista. Pois, em uma famosa discussão talmúdica (no *Bava Kamma*), um rabino argumenta que, se a lei fosse seguida à risca, a pessoa de um único olho pagaria apenas metade da punição caso cegasse uma pessoa de dois olhos, e o cego sairia impune. E se uma pessoa insignificante matar um herói? Do mesmo modo, ninguém precisa amputar

a perna de um médico imprudente que cortou a perna errada do paciente: o sistema de responsabilidade civil, por meio dos tribunais, e não da regulamentação, graças aos esforços de Ralph Nader ², imporá alguma penalidade que proteja os consumidores e os cidadãos de instituições poderosas. Claramente, o sistema legal pode produzir alguns irritantes (particularmente com atos ilícitos civis) e tem sua classe de praticantes de *rent-seeking*, mas é muito melhor reclamarmos de advogados do que reclamar sobre não ter advogados.

Em termos mais práticos, alguns economistas têm tentado me culpar por querer reverter a proteção de falência oferecida nos tempos modernos; alguns chegaram inclusive a me acusar de querer trazer de volta a guilhotina para os banqueiros. Eu não sou *tão* literal assim: é apenas uma questão de infligir *alguma* penalidade, apenas o suficiente para tornar menos atraente o negócio de Bob Rubin e proteger o público.

Agora, por alguma razão que me escapa, uma dessas coisas estranhas que só se vê na França, o Código de Hamurabi, cunhado num bloco de pedra cinza-escura, reside no Museu do Louvre em Paris. E os franceses, que normalmente sabem um bocado sobre coisas acerca das quais nós não sabemos muito, parecem não saber nada a respeito; a impressão é a de que apenas os turistas coreanos com bastões de selfie ouviram falar do lugar.

Na minha penúltima peregrinação a Paris, acabei dando uma palestra para financistas franceses numa sala de conferências no prédio do museu, ocasião em que discorri sobre as ideias deste livro e a noção de arriscar a própria pele. Falei logo depois do homem que, apesar da aparência (e da personalidade) bastante semelhante às das estátuas mesopotâmicas, simboliza a ausência de dar a cara a tapa: Ben Bernanke, ex-presidente do Federal Reserve (FED), o banco central dos Estados Unidos. Para minha tristeza, quando questionei a plateia, evidenciando a ironia da situação, ou seja, que quase quatro milênios atrás éramos um tanto mais sofisticados a respeito dessas coisas, e que o monumento estava a noventa metros de onde eu proferia minha palestra, ninguém na sala, apesar da alta cultura dos financistas franceses, entendeu do que eu estava falando. Ninguém fazia ideia de quem era Hamurabi além de algum figurão da geopolítica da Mesopotâmia, tampouco suspeitava de sua conexão com os conceitos de arriscar a própria pele e da responsabilidade dos banqueiros.

A Tabela 1 mostra a progressão das regras de simetria desde Hamurabi, então vamos subir a escada.

Tabela 1 • Evolução da simetria moral

Fonte: TALEB e SANDIS , 2016

| <i>HAMURABI/ LEI DE TALIÃO</i> | <i>15ª LEI DA SANTIDADE DE JUSTIÇA</i> | <i>REGRA DE PRATA</i> | <i>REGRA DE OURO</i> | <i>FÓRMULA DA LEI UNIVERSAL</i> |
|---|--|-------------------------------|--|---|
| “Olho por olho, dente por dente.” (Hamurabi, Êxodo 21:24) | “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Levítico 19:18) | | “Em tudo, façam aos outros o que querem que eles façam a vocês.” (Mateus 7:12) | “Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal.” (Kant, 1785: 4:421) |

A prata supera o ouro

Examinemos rapidamente as regras à direita de Hamurabi. Levítico é um abrandamento do princípio de Hamurabi. A Regra de Ouro (ou Regra Áurea) é uma máxima moral que diz: *Trate os outros como gostaria de ser tratado*. Mais vigorosa, a Regra de Prata diz: *Não trate os outros da forma como não gostaria de ser tratado*. Mais vigorosa? Como? Por que a Regra de Prata é mais vigorosa?

Para começo de conversa, ela instrui cada um a cuidar da própria vida e não decidir o que é “bom” para os outros. Sabemos com muito mais clareza o que é ruim do que o que é bom. A Regra de Prata pode ser vista como a Regra de Ouro Negativa, e como aprendo a cada três semanas com meu barbeiro calabrês (e que é falante do dialeto calabrês), a *via negativa* (agir por meio da eliminação) é mais poderosa e menos propensa a erros do que a *via positiva* (agir por adição [3](#)).

Agora, uma palavra sobre os “outros” na parte “tratar os outros”. “Você” pode designar um indivíduo, uma equipe de basquete ou a Associação de Barbeiros Falantes de Calabrês, e o mesmo vale para “outros”. A ideia é fractal, no sentido de que funciona em todas as escalas: seres humanos, tribos, sociedades, grupos sociais, países etc., pressupondo-se que cada um é uma unidade autônoma separada e, como tal, pode lidar com outros equivalentes. Assim como os indivíduos devem tratar os outros da maneira pela qual gostariam de ser tratados (ou evitar serem maltratados), as famílias como unidade deveriam tratar outras famílias da mesma maneira.

E, algo que torna ainda mais repugnantes os intervencionistas do prólogo (parte 1), os países deveriam agir da mesma forma. Pois Isócrates, o sábio orador ateniense, nos avisou já no século V a.C. que as nações deveriam tratar outras nações de acordo com a Regra de Prata. Ele escreveu: “Trata os Estados mais fracos da mesma forma que gostarias que os Estados mais fortes tratassem a ti”.

Ninguém personifica a noção de simetria melhor que Isócrates, que viveu mais de um século e fez contribuições significativas quando já era nonagenário. Saiu-se inclusive com uma rara versão dinâmica da Regra de Ouro: “Age em relação a teus pais como gostarias que teus filhos agissem em relação a ti”. Tivemos que esperar até que o excelente treinador de beisebol Yogi Berra formulasse outra regra tão dinâmica para as relações simétricas: “Eu vou ao funeral das outras pessoas porque quero que elas venham ao meu”.

Mais eficaz, é claro, é a direção inversa, uma pessoa tratar os filhos da mesma forma que desejava ter sido tratado pelos pais. ⁴

A própria ideia por trás da Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos é estabelecer uma simetria similar à Regra de Prata: você pode praticar sua liberdade de religião, desde que me permita praticar a minha; você tem o direito de me contradizer, contanto que eu tenha o direito de contradizê-lo. Efetivamente, não existe democracia sem essa simetria incondicional nos direitos de um indivíduo de se expressar, e a grande ameaça é a bola de neve nas tentativas de limitar a liberdade de expressão com base no argumento de que certas opiniões e pensamentos podem ferir os sentimentos de algumas pessoas. Tais restrições não provêm necessariamente do Estado, mas, em vez disso, do poderoso establishment de uma monocultura intelectual por meio de uma hiperativa *polícia do pensamento* na mídia e na vida cultural.

Deixa o universalismo pra lá

Ao aplicar a simetria às relações entre o indivíduo e o coletivo, obtemos a virtude, a virtude clássica, que agora é chamada de “ética da virtude”. Mas há o passo seguinte: lá na ponta direita da Tabela 1 está o imperativo categórico de Immanuel Kant, que eu resumo assim: *Aja como se a sua ação pudesse ser generalizada para o comportamento de todos em todos os lugares, sob todas as condições*. O texto original é mais desafiador: “Age somente,

segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal”, Kant escreveu naquilo que é conhecido como a primeira formulação. E “Age de tal modo que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre como um fim ao mesmo tempo e nunca apenas como um meio”, naquela que é conhecida como a segunda formulação.

Formulação blá-blá-blá, deixa Kant pra lá: é complicado demais, e as coisas que ficam complicadas são um problema. Por isso, vamos ignorar o enfoque drástico de Kant por um motivo principal:

O comportamento universal é excelente no papel, porém desastroso na prática.

Por quê? Como insistiremos ad nauseam neste livro, somos animais locais e práticos, sensíveis à escala. O pequeno não é o grande; o tangível não é o abstrato; o emocional não é o lógico. Assim como argumentamos que o micro funciona melhor que o macro, é melhor evitar generalizações desnecessárias ao cumprimentar seu manobrista de estacionamento. Devemos nos concentrar no nosso ambiente imediato; precisamos de regras práticas e simples. Pior ainda: o geral e o abstrato tendem a atrair psicopatas pretensiosos e hipócritas semelhantes aos intervencionistas da parte 1 do prólogo.

Em outras palavras, Kant não entendia a noção de escala – contudo, muitos de nós são vítimas do universalismo de Kant (como vimos, a modernidade prefere o abstrato em detrimento do particular; os guerreiros da justiça social foram acusados de “tratar as pessoas como categorias, não indivíduos”). Poucos, fora da religião, realmente compreenderam a noção de escala antes do formidável pensador político Elinor Ostrom, sobre quem falo um pouco no capítulo 1.

Na verdade, a mensagem principal deste livro é o perigo do universalismo levado ao pé da letra – combinando o micro e o macro. Do mesmo modo, a questão fundamental da ideia de *A lógica do Cisne Negro* era a *platonificação*, perdendo elementos centrais, mas ocultos, de uma coisa no processo de transformá-la em um constructo abstrato, por conseguinte causando um colapso.

II. DE KANT A TONY GORDO

Voltemos ao presente, ao presente (altamente) transacional. Em Nova

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Arriscando a própria pele: Assimetrias..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).